

**Diário de um professor**  
Professor André Alves Prado

**PENSAMENTO:**

*“Um professor afeta a eternidade. Ele nunca será capaz de dizer quando a sua influência se detém”. (Henry Adams - historiador).*

*“Eduque a criança no caminho em que deve andar e até quando envelhecer não se desviará dele”. (Prov. 22:6).*

Quando criança, sonhava ser piloto de caça da Força Aérea Brasileira. Quando jovem, cheguei a visitar a Academia de Força Aérea de Pirassununga, que muito me encantou. Mas o meu primeiro trabalho foi em uma bicicletaria, aos 11 anos de idade em Mococa.

Em 1984, minha família mudou-se para Lorena e não seria aqui que eu deixaria de laborar. Minha mãe, professora, conseguiu aulas em algumas escolas da cidade, entre elas em uma escola pública situada no Parque Rodovias. E foi nesta mesma época, aos 14 anos, que surgiu a minha primeira experiência como professor. Uma das alunas possuía sérias dificuldades com a língua portuguesa e estava de recuperação. Jamais me julguei um *expert* de nossa língua, que por sinal apresenta considerável complexidade em relação a algumas outras. Entretanto, para o caso em questão, havia certo domínio da matéria em relação às necessidades da aluna. E lá ia eu todas as tardes ministrar minhas primeiras aulas particulares. Foi uma primeira missão, cumprida com zelo e dedicação. Em seguida trabalhei como vendedor dos *Frigoríficos da Paineira*, nas ruas de Lorena. Caminhava por todos os bairros que, em sua grande maioria não possuía asfalto. Comi muita poeira, como costuma se dizer, e acabei desistindo desse trabalho, porque fiquei três meses sem receber um centavo dos atravessadores que me contrataram.

Em 1986, conversei com minha tia com o intuito de conseguir um emprego no posto Texaquinho, às margens da Rodovia Presidente Dutra, em Lorena. Neste posto, minha função era vender salgados, fazer lanches para viajantes e atender caminhoneiros que por lá passavam.

Meu pai havia conseguido uma bolsa com desconto de 50% para eu estudar em um curso técnico no Instituto Santa Teresa (IST). Também havia passado no *vestibulinho* para cursar Eletrotécnica no Colégio Técnico (COTEC) da Unesp, em Guaratinguetá, mas tendo mais afinidade com Informática, optei por Lorena. Considerando os aspectos vocacionais e que naquela época uma bolsa com desconto de 50% era uma verdadeira raridade, tornava-se mais que necessário aproveitar a oportunidade.

No IST tive vários mestres, entre eles Sérgio Cobiانchi, Alberto Tammenhein e Paulo Sena. Admirava-os pela inteligência, jeito fraternal na relação com alunos e pela didática. Estudava pelas manhãs e partia para uma jornada de trabalho no *Texaquinho* do meio-dia à meia-noite.

Daria para escrever um livro sobre a vida dos marginalizados que circundam a beira da Via Dutra. Cheguei a presenciar muitas cenas de prostituição, malandragem e até violência.

Não foi à toa que, em 1987, aceitei a proposta de lecionar no Colégio Delta de Lorena, outra experiência que veio a ser bastante interessante e agradável.

O convite surgiu através de um aluno da Faculdade de Engenharia de Lorena (Faenquil), Domingos Sávio, que ministrava aulas no colégio as turmas do curso técnico de Processamento de Dados. A esta altura eu estava apenas no segundo ano do curso técnico, entretanto o meu interesse pela informática fizera de mim um autodidata desde 1982, inclusive já acumulava a função de monitor de turmas no Instituto Santa Teresa.

Agarrei a oportunidade com unhas e dentes. Os alunos acreditavam de eu tivesse cerca de 20 anos, mas na verdade eu tinha apenas 16 anos no início daquele ano, e isso não revelava a ninguém. Assumi quatro disciplinas: Fundamentos de Processamento de Dados, Linguagem de Programação, Técnicas de Programação e as Aulas Práticas de Laboratório.

Certa vez, o Diretor do Colégio Delta percebeu que eu estava dando conta do recado e inseriu a minha disciplina no terceiro ano do curso de Eletrônica. Já estava acostumado a dar aulas para pessoas com idade superior à minha, mas ao entrar terceiro ano de eletrônica dei de cara com um senhor de cabelos totalmente grisalhos, que aparentava uns 60 anos de idade.

Pensei comigo: “*estou em apuros!*” Lecionar para alguém com tanta experiência de vida me assustou a princípio. Mas, prossegui com as aulas demonstrando na prática o funcionamento dos computadores.

Aquele senhor foi um dos meus melhores alunos! A experiência prodígio no Colégio Delta. Aprendi muito e até recebi agradecimentos de alunos afirmando terem sido contratados por empresas da região graças ao aprendizado das aulas.

Em 1989 prestei o vestibular na Faenquil para o curso de Engenharia Industrial Química, mesmo ano em que, consegui um emprego na Petroara Lubrificantes Good Oil. Trabalhava de dia e freqüentava as aulas no período noturno.

Aprendi a medir a viscosidade de óleos, verificar o ponto de fulgor e até a fazer alguns produtos em escala laboratorial. A *Petroara* produzia graxas, óleos de motores, vaselina para uso industrial para a *Brastemp*, óleo de transformadores para a *Itaipu* e outros produtos.

Em pouco tempo consegui explodir alguns balões volumétricos e involuntariamente incendiar o laboratório algumas vezes, com algumas experiências malucas!

Meu tio, que era muito bom em gestão empresarial, infelizmente veio a falecer na época em que comandava essa indústria. Como toda empresa familiar, após a morte de um líder, que retinha grande parte dos conhecimentos da administração daquele tipo de negócio, as coisas não seriam as mesmas.

Saí da empresa e passei a atuar como *free lance*, desenvolvendo programas de computadores para empresas do Vale do Paraíba. Foram dias corridos e de muitas atividades, programando de empresa em empresa. O convívio com muitos empresários me levou a um processo de grande interesse pela área de Administração, e por isso tranquei minha matrícula na Faenquil.

Em certa ocasião fui informado pelo meu vizinho, aluno de doutorado do então Centro de Materiais Refratários (Cemar) pertencente à Fundação de Tecnologia Industrial (FTI), que haveria um processo seletivo para a vaga de estagiário de Informática.

Ingressar na FTI (que em Lorena se constituía em três unidades: Cemar, Cebiq e Faenquil) sempre foi um grande desejo meu. Compareci para participar da seleção, para o preenchimento de duas vagas. Um dos concorrentes, estudante de Ciência da Computação da UNITAU, disse-me com certa arrogância: “*Essas vagas não são para técnicos. São para graduandos!*”.

Não respondi à provocação. As duas vagas foram preenchidas por técnicos!

Passei todo o serviço que desenvolvia nas empresas como *free lance* para outro programador e fui desenvolver minhas atividades na FTI. Comecei a desenvolver sistemas para as necessidades da instituição. Tínhamos no Centro de Processamento de Dados (CPD) microcomputadores 386 DX, que eram os equipamentos de melhor tecnologia existente no mercado. Por algumas vezes o expediente findava e eu, por ficar trabalhando, perdia o ônibus, tendo de caminhar na empoeirada estrada escura até a cidade. Foi uma época de grande desenvolvimento profissional.

Quando o Prof. Durval viajava, meu chefe naquele centro, o Prof. Shigue assumia o comando. Ambos foram excelentes chefes. O Prof. Shigue, vez por outra, levava sua tradicional garrafa de chá mate, cujo líquido muitas vezes evaporava parcial e misteriosamente. Acredito que não era nenhum tipo de *Poltergeist* e talvez um dia consigamos, ainda em vida, desvendar este grande mistério que assolou aquele centro de pesquisa.

Outras vezes, o Dr. Pinatti abria a porta do CPD, para ver se estava tudo em ordem. Jamais encontrou alguma coisa errada. Depois saía com seu tradicional jeito de caminhar puxando fortemente as calças para cima. O CPD era um lugar de minorias pensantes, muito *certinho*. Por isso, confesso que não me considerava muito normal naquela época (acho que nem atualmente!).

Os *ratos* do CPD que lá se encontravam, estavam sempre focados em tecnologia: uma espécie de andróides cibernéticos. Foi naquele tempo que, após quatro anos de exercício da docência, abandonei as aulas ministradas no Colégio Delta. Isso ocorreu devido a fase conturbada e conflitante da minha vida provocada pelo falecimento de meu pai, um homem de bom coração, que eu muito amava.

Eram tempos de mudanças na FTI. Logo passei de estagiário para prestador de serviços. Os atrasos de pagamentos eram freqüentes, mas nunca perdemos nosso empenho profissional.

Do campus II, os sistemas de informática passaram a ser desenvolvidos no CPD do Campus I, sob a coordenação do Prof. Henrique Aquino. Lembro-me de que o Prof. Henrique possuía uma confortável cadeira giratória, que um dia acidentalmente apareceu quebrada. Tempos depois, quando eu já estava no CPD da Administração, ao lado das instalações do Centro de Biotecnologia, fiquei sabendo que ele ficou uma verdadeira fera em relação ao “desastre” com sua cadeira de estimação.

Na principal lista de suspeitos apareceu o nome do aluno Augusto, vulgo *Korg* ou *Carecone*, um verdadeiro *crânio*, como se costuma dizer por aí. Foi meu companheiro quando escalei a minha primeira montanha no Vale do Paraíba, o famoso Pico dos Marins, onde desapareceu o escoteiro Marco Aurélio.

É muito provável que o suspeito do crime da cadeira, hoje ex-aluno da Faenquil, saiba que foi naquela escalada que nasceu a minha paixão pelo montanhismo. Essa paixão levou-me a escrever um projeto para

monitoramento ambiental das montanhas da Serra da Mantiqueira, que foi aprovado pelo COSÉAS, da USP.

Agora, justiça seja feita, vou solucionar o sinistro caso da cadeira quebrada. Admito, antes tarde do que mais tarde, que sou o verdadeiro responsável pelo incidente acontecido com a cadeira que me arremessou de costas após um estalo gerado em seu encosto.

Augusto prossegue sua vida e continua inteligentíssimo, trabalhando na Polícia Federal. Tomara que ele jamais investigue o caso da cadeira. Sempre corajoso, a sua atitude mais nobre, em minha opinião, foi quando entrou na frente da moto-serra para não cortassem um Ipê da calçada de sua residência. E como ninguém é perfeito, Augustão, durante certa época recebeu o apelido de seca pimenteira por ficar sempre de olho nas paqueras dos amigos.

Com o passar dos meses os primeiros sistemas informatizados foram concluídos com o objetivo de reduzir os custos pagos para empresas terceirizadas que cobravam pelos serviços prestados à Faenquil.

A demanda por sistemas informatizados aumentou e recebi a opção para ser contratado como funcionário. Proposta aceita mesmo com atrasos de pagamento, que somente se regularizou após a estadualização da Instituição, em 1991.

Já na qualidade de servidor, vários sistemas foram desenvolvidos, entre eles: folha de pagamento, compras e licitação, patrimônio, financeiro e outros.

Em 1994 existia interesse de minha parte em aceitar o convite de desempenhar atividades de automação no Departamento de Biotecnologia. Assim, aconteceu minha saída da área administrativa e retorno à área de pesquisas. Pouco tempo depois, juntamente com outros professores, recebi o convite do Prof. Silvio Silvério para auxiliá-lo na escrita de um projeto FAPESP, visando implantar a rede de computadores nas dependências da Faenquil. Com o projeto aprovado, em pouco tempo a nossa Instituição passou a ser interligada com acesso à Internet ao mundo inteiro.

Em 1998 o Prof. Humberto indicou-me para lecionar no Colégio Técnico de Lorena - COTEL. Nesse ano, lecionava à noite em três empresas que tive na área de tecnologia, todas voltadas para ensino informática.

De repente, lá estava eu ministrando aulas no COTEL.

No início dos anos, nessa escola, aplicava na aula inaugural uma espécie de trote do professor com o objetivo de descontrair os alunos. Pedi aos meus amigos da oficina que preparassem uma palmatória. No primeiro dia de aula lá estava eu com a palmatória projetada, um terço nas mãos e milho para explicar o sistema rígido de disciplina que deveriam ser seguidos à risca durante o ano.

Dizia aos alunos que existiam três tipos de punições e demonstrava cada uma. Na primeira o indisciplinado que se rebelasse teria de rezar o terço de frente para a lousa e de costas para a turma: dez ave-marias e vinte pais-nosso (terço?).

Na segunda rebeldia, o aluno teria de permanecer ajoelhado no milho lançado ao chão em um dos cantos da sala. Já o último tipo de punição envolveria o uso da palmatória.

Dizia isto e depois fazia uma demonstração em minha própria mão. Os anos foram passando, até que certo dia após concluir uma destas “aulas” inaugurais, ao sair da sala com os demais discentes, notei que um dos alunos

voluntariamente ajoelhou-se em cima dos milhos que eu havia jogado no canto da sala.

Mesmo sendo uma brincadeira por parte do calouro, aquilo me constrangeu de tal modo que pedi para que ele se levantasse. Nunca mais voltei a usar o mesmo tipo de brincadeira, pois era uma forma utilizada para ridicularizar o sistema antigo de educação, que, diga-se de passagem, tinha muitas coisas boas, mas as formas de punição eram constrangedoras.

Substituí o trote por atividades na disciplina de Princípios de Gestão Industrial, baseadas em técnicas de Construção de Equipes de Alto Desempenho (*Team Building for High-Performance*).

Com o passar do tempo, meu carinho pelos servidores técnico-administrativos aumentou a ponto de me levar a exercer uma série de mandatos em todas as representações nos órgãos colegiados de nossa instituição.

As lutas em prol das classes menos favorecidas de que participei, sempre foram para minimizar as injustiças existentes e promover uma maior igualdade, mas sem nenhum tipo de paternalismo. Neste período cheguei a ser presidente da Associação dos Funcionários da Faenquil (AFFA), com a importante ajuda de meu fiel escudeiro e amigo Isnaldi, como na vice-presidente.

Trabalhamos dura e seriamente, o que nos levou, no final do mandato, a um completo estado de exaustão.

Meu bom relacionamento com o Prof. João Batista aproximou-me das pesquisas relacionadas à cervejaria. Fiz amizade com os alunos de pós-graduação e por fim acabei por realizar um estudo experimental de redução no consumo de energia, comparando cervejas de altas densidades com as tradicionais. Apesar de estar com sérios problemas de saúde, os resultados desse estudo foram positivos e compilados em uma dissertação depositada na Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI).

Os problemas de saúde surgiram quando tentei abraçar o mundo com as pernas. Havia saído candidato a vereador. Três meses de campanha me fizeram ver que não venceria o pleito eleitoral. Depois das eleições, fui convidado pelo prefeito eleito a ocupar o cargo de Secretário Adjunto. Fiz muitas modificações na área de Tecnologia da Informação na Administração Pública Municipal.

Na execução de meus serviços na prefeitura, logo percebi que a competência de saber fazer não bastaria. Era necessário ter tempo para fazer politicagem. Saí deste meio de cabeça erguida e sem ter rabo preso com ninguém.

Recentemente fui procurado por uma senhora muito simples que disse estar formando uma comissão popular para apoiar minha candidatura a vereador nas eleições municipais de 2008. Agradei a consideração e apreço, mas informei que não seria mais candidato. Sei que não devo dizer que desta água jamais beberei, mas no momento não tenho nenhuma aspiração a cargos eletivos. Sei inclusive que uma pequena minoria consegue se eleger por carisma, mas depois as raposas dos podres poderes se aproximam para os conchavos.

A Faenquil me ensinou a usar a política para lutar pelas causas justas e em nenhuma das ocasiões precisei estar ocupando um cargo público para isso.

Assim, tenho a consciência que posso usar a política para conseguir o que é de direito como um simples cidadão.

Antes de completar um ano nessa atividade, estava de volta à Faenquil. Confesso tinha um olhar muito romântico da política. Na disputa eleitoral vi muitos candidatos entregando cestas básicas, pagando contas de água, luz e gás, doando camisas de times de futebol e até comprando votos.

A minha ingênua visão ao sair candidato me fazia crer que seria como os cargos disputados para representar os funcionários da Faenquil, ou seja, acreditava inocentemente que era apenas expor minhas propostas para ser eleito. Mas a realidade mostrou-se diferente. Era preciso fazer alianças, comprometer-se com políticos e apoiadores.

Acontece que isto teria um preço a ser cobrado depois. Esse negócio de acender uma vela para Deus e outra para o Diabo não é comigo. Minha concepção era a de ser apenas um bom representante para o povo e não de ficar defendendo interesses de alguns poucos já favorecidos.

Tenho a honra de dizer que não comprei um voto sequer. As poucas centenas de pessoas que votaram em mim eram alunos ou conhecidos que moravam na cidade e acreditavam no meu potencial. Perdi a eleição com todo altruísmo e não me arrependo de ter sido transparente e convicto de caráter.

Meus pais me deram um bom nome e me ensinaram a ter dignidade. Não é nada educativo comprometer tudo isto saindo por aí comprando votos.

Fazendo uma breve reflexão sobre tempos passados, recordo-me que tive excelentes professores na Faenquil desde o curso de Engenharia Industrial Química. Já no curso de pós-graduação em Engenharia da Qualidade tive a satisfação de assistir aulas do professor Messias, Sodero e outros que me inspiraram. Tive grandes gurus como costume dizer. A Faenquil é uma escola no mais amplo sentido da palavra, uma vitrine onde estudei as boas qualidades de cada professor e que hoje as utilizo em prol dos meus alunos. Não se trata de cópia, mas de aproveitar o que é bom e implantar melhorias contínuas. O resto vem de um amor enorme pelo ensino e uma vontade maior ainda de transmitir o conhecimento. Constantemente mudo minhas estratégias de aulas, recrio e me redefino como professor com uma linha totalmente inovadora. Procuro me adaptar sempre o mais rápido possível ao perfil de cada turma, lecionando o que pode ser mais relevante a cada nível de ensino e direcionando o conhecimento para cada tipo de formação. Dos 37 anos de idade atuais, apenas no primeiro ano de vida não estive dentro das dependências de uma escola.

Aviador? Que nada! Professor com muito orgulho!

O que não me impede de empreender altos vôos e fazer manobras radicais.

Embarquei num desses vôos e tornei-me escritor.

Em 2007, juntamente com meu amigo poeta Rodolfo Lopes, fui agraciado com a homenagem Pratas da Casa. De todas as demonstrações de apreço que tenho recebido, foi uma das que mais me emocionou. Não há dúvida que minha carreira atualmente é muito mais voltada para a docência, não só no COTEL, como também as atividades que desenvolvo em outras instituições de ensino superior da cidade.

Constantemente recebo convites para dar treinamentos em empresas do Vale do Paraíba e aulas em outras escolas. Isso muito me engrandece como profissional e pessoa. Através do programa institucional USP Lorena Recicla,

participo de muitas palestras de orientação ambiental têm sido realizadas em empresas, escolas da rede pública e particular de ensino. Sinto enorme orgulho de poder desempenhar funções que venham a corroborar com a comunidade local e regional como um todo.

Além de ser meu dever como cidadão, é também uma das atividades que devem ser muito bem exercidas principalmente por quem vive de recursos recebidos através da arrecadação de impostos que pagamos em nosso país. E assim pretendo prosseguir pelo mundo, sem jamais esmorecer ou deixar que alguém destrua meus ideais, meus sonhos, minha vontade louca de revolucionar o mundo, de transformar e levar conhecimentos importantes aos nossos irmãos menos favorecidos.

## **REFLEXÃO**

“Ser professor muito me dignifica como pessoa e como profissional, pois é desse modo que estou conseguindo viver dignamente com minha família e educar meus filhos em boas escolas. Já tive a felicidade de formar minha filha Mel, no curso superior de Publicidade e Propaganda, recentemente contratada pela Tectoy, uma indústria de brinquedos sediada em São Paulo. Minha profissão é muito dignificante, não pelo salário recebido, pois muitas vezes atuamos na formação de outras pessoas que perceberão remuneração superior à classe. Mas isto não me entristece, pelo contrário, muito me alegra. Saber que posso contribuir para a formação de seres humanos, lapidando-os e transformando-os, não tem preço no mundo que pague!” - **Prof. André Prado.**

### **Reflexões do Professor Carlos:**

*“Educador sempre foi uma profissão difícil de ser exercida. Nos dias atuais, onde nossa profissão foi relegada a um terceiro plano por todos os governos que tivemos, às vezes, torna-se uma missão quase impossível.*

*Nas escolas estaduais os laboratórios não existem, as salas são mal conservadas, faltam funcionários e professores habilitados e todos eles com remuneração não condizente com a função que exercem.*

*Mas, mesmo assim, nós precisamos realizar dignamente nossas funções de educadores que tentamos ser. Temos de nos preocupar em oferecer aos nossos alunos uma aula atual, de qualidade, avaliá-los corretamente e sobretudo tratá-los com amizade, respeito e consideração. Essa é a tarefa de um bom educador.*

*Concluindo essa bela reflexão, afirmo com muita convicção que o André é um desses educadores que o Brasil precisa: lutador, competente e sonhador. Tenho a convicção de que seu desejo de tornar-se um aviador o levou a alçar um vôo ainda maior, tornando-se assim o profissional, o educador que tanto precisamos em nossas escolas. Valeu, André!”*

**Organizador: Prof. Carlos Roberto de Oliveira Almeida**  
**Outras histórias interessantíssimas fazem parte do livro:**  
**As Histórias de Todos Nós**  
**Família, Profissão, Amizade: Vida e Fé.**